



**INTERPRETANDO AS ENTRELINHAS DE CARTAS PESSOAIS DE 1953:  
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE OS ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRIO-CULTURAIS**

**INTERPRETING BETWEEN THE LINES OF PERSONAL LETTERS OF 1953:  
SOME REFLECTIONS ABOUT SOCIO-HISTORICAL AND CULTURAL ASPECTS**

**Luciane Watthier<sup>1</sup>**

**Terezinha da Conceição Costa-Hübes<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Iniciada em 2008 e como parte de um projeto de Mestrado em Letras, analisamos, em nossa pesquisa, cartas pessoais e familiares, produzidas por nossos antepassados, nas décadas de 1940 e 1950, buscando marcas reveladoras de história, cultura e identidade. Para isso, foi importante considerar a linguagem numa concepção sociocultural e tratá-la como uma atividade social, como um conjunto de signos capaz de representar a realidade circundante, ao mesmo tempo em que a constitui por meio da interação verbal. Partindo de tal concepção e, assim, considerando a linguagem como reveladora de aspectos culturais da época em que foi escrita, bem como da identidade das pessoas envolvidas no processo de interação (escritor e destinatário), no presente estudo buscamos identificar e interpretar, em uma carta pessoal de 1953, essas características sócio-histórico-culturais, em contraponto com a cultura atual. Recuperamos, dessa forma, a história de uma paixão quase apagada por um amor não correspondido e pelo tempo que foi capaz de amarelar, mas não destruir os papéis das cartas que o revelam. Além disso, abordamos, ainda, características do gênero discursivo carta pessoal. Para a realização desse estudo, nosso aporte teórico é constituído por Bakhtin (2004), Marcuschi (2004), Bazerman (2006), Lopes (1986), entre outros.

**Palavras-chave:** Linguagem, cultura, identidade, cartas pessoais.

**ABSTRACT:** Beginning in 2008 as part of a Masters in Language project, personal and family letters written by our ancestors in the 1940s and 1950s were analysed in this study, searching for revealing signs of history, culture and identity. It was important for this research to consider the language on a sociocultural conception and treat it as a social activity, as a set of signs capable of representing the surrounding reality, at the same time that is formed through verbal interaction. Starting from this conception and considering that the language unmasked aspects of the cultural time in which it was written, as well as identity aspects of people involved in this interaction process (writer and recipient), we tried to identify and interpret, in a personal letter of 1953, these socio-historical and cultural characteristics, contrasting with the current culture. We also recovered the story of an old passion almost erased by an unrequited love, that time was able to yellow but not destroy sheets of paper that revealed this love. Moreover, were analyzed features of personal letter genre. The theoretical sources for this study were Bakhtin (2004), Marcuschi (2004), Bazerman (2006), Lopes (1986), among others.

**Keywords:** Language, culture, identity, personal letters.

<sup>1</sup> Mestranda em Letras (bolsista da Fundação Araucária), com área de concentração em Linguagem e Sociedade, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* de Cascavel. E-mail: [lu.lettras@hotmail.com](mailto:lu.lettras@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora Doutora Orientadora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* de Cascavel. E-mail: [terecostahubes@yahoo.com.br](mailto:terecostahubes@yahoo.com.br)



O interesse pelo estudo de cartas surgiu ao encontrarmos vários desses textos guardados, com muito carinho, entre as coisas de nosso falecido tio, Armando. Já tínhamos conhecimento de alguns detalhes de sua vida pessoal e sabíamos que, entre seus 23 e 35 anos de idade, ele havia sido um homem “conquistador” de muitas mulheres, gostando de vê-las implorando seu amor quando, na realidade, não tinha o interesse de manter um relacionamento sério. Ao iniciarmos a leitura dessas cartas, percebemos que atitudes como essas eram corriqueiras na vida de Armando, já que entre as cartas encontradas, estão as de quatro mulheres apaixonadas que lhe escreviam, revelando um grande sofrimento por esse amor não ser correspondido.

Com o avançar das leituras, fomos percebendo que, além daquilo que nos foi contado, as cartas revelavam ainda mais detalhes, não só no que diz respeito à identidade de Armando, mas, também, às identidades dessas mulheres que lhe escreviam e a aspectos da cultura da época e do local em que foram escritas. Iniciou-se, assim, a percepção de que textos pertencentes a esse gênero discursivo (carta pessoal e familiar) se constituem como verdadeiros documentos, uma vez que a linguagem neles utilizada é a responsável por dar-nos esses detalhes. A partir daí, o estudo começou a ser encaminhado com o objetivo de refletirmos sobre a forma como isso acontecia e, também, sobre o porquê de a linguagem ter essa característica. Dessa forma, partindo do princípio de que ela é social, iniciamos algumas leituras teóricas para embasarmos nossas análises, buscando a identificação e a compreensão dos aspectos culturais e identitários nas cartas pessoais e familiares, bem como a importância de realizar esse tipo de estudo.

Daí o interesse em estudarmos a linguagem, a cultura e a identidade de épocas passadas a partir de textos pertencentes ao gênero carta, compreendendo que a linguagem representa aspectos da época em que é escrita, bem como da visão de mundo do autor, o que é acentuado na escrita de textos informais e, principalmente, nas narrativas pessoais, as quais podem ser contadas por meio de cartas. Nesse sentido, Bazerman (2006) postula que as cartas pessoais e familiares estão abertamente ligadas às relações sociais e a escritores particulares, tornando-se um material riquíssimo em particularidades de uma época e da cultura de um povo.

O *corpus* da pesquisa é constituído por oito cartas (quatro pessoais e quatro familiares), porém, para este estudo utilizamos apenas uma carta pessoal escrita por Gerda, no ano de 1953, para Armando. Recuperando uma história de amor quase apagada pelo tempo, esperamos



mostrar que a linguagem é social, ou seja, representante e constituinte da realidade cultural de quem a produz.

Para uma melhor organização do trabalho, o mesmo foi dividido em três grandes partes, sendo a primeira destinada à exploração do contexto de produção de nosso *corpus* de pesquisa, a segunda aos aspectos sócio-histórico-culturais revelados na carta sobre a qual apresentaremos uma análise interpretativa, recorrendo à pesquisa sociolinguística, e a terceira sobre questões relacionadas à organização desse gênero discursivo.

## **1 ROMANCE ENTRE GERDA E ARMANDO: O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO *CORPUS***

Esta seção é reservada à recuperação do contexto de produção da carta pessoal, objeto de análise, como forma de abordar suas particularidade e, assim, situar os dados a serem explorados no decorrer do presente estudo. Frisamos, desse modo, que a seção ficou predominantemente descritiva por tratar-se da explicitação do *corpus* de pesquisa. A discussão em relação à teoria é feita, assim, nas demais seções.

Pretendemos mostrar que a carta é um meio de interação verbal existente dentro de diferentes esferas sociais, determinada pelo contexto comunicativo, o qual é necessário ser recuperado para que ela constitua uma enunciação. Se todo enunciado se constitui “como unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado” (BRAIT & MELO, 2008, p. 63), então é verdade que todo e qualquer enunciado, responsável pela produção de uma enunciação, só terá sentido se ligado ao seu contexto de produção. Para isso, buscamos, portanto, com familiares do destinatário informações adicionais que pudessem nos auxiliar na compreensão do contexto de produção dessa carta, visto que esse é necessário para a compreensão total de um gênero discursivo.

Gerda é autora de seis cartas endereçadas a Armando, as quais serão utilizadas para descrevermos a relação existente entre os dois, já que as mesmas obedecem a uma sequência cronológica, pois foram escritas nas seguintes datas: 30 de outubro, 09 de novembro, 15 de novembro, 19 de novembro e 27 de novembro de 1953. Entretanto, para a análise interpretativa do contexto social, histórico e cultural utilizaremos somente uma carta: aquela escrita no dia 09 de novembro de 1953 (em anexo).



Armando e Gerda, ambos com idade entre 20 e 23 anos, conheceram-se em uma festa na então comunidade rural de Fundo Alegre, pertencente ao município Augusto Pestana - RS, antiga Serra do Cadeado que, segundo dados históricos, foi povoada, em 1901, por imigrantes alemães vindos da então Colônia Velha, uma região próxima a Augusto Pestana, no Estado do Rio Grande do Sul. Tanto Armando quanto Gerda eram de origem alemã e, portanto, falantes dessa língua que lhes era materna, tanto que alguns trechos da carta são produzidos em alemão:

*“Frage nicht was das Geschick morgen mag beschliessen  
Univer ist der Augenblick, lass uns den geniessen!”* (Cp. escrita por Gerda em 15 de novembro de 1953).

“Aproveitemos o presente para vivermos pelo nosso amor,  
sem perguntar o que o futuro trará” (tradução/reescrita).

*“Gute nacht und vergiss nicht deine Gerda* (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953)

“Boa noite e não se esqueça da sua Gerda” (tradução/reescrita).

Gerda era uma pessoa muito bem instruída, sábia, professora do primário na escola rural de Fundo Alegre, conhecida por animar suas aulas tocando uma gaita, enquanto seus alunos lhe acompanhavam cantando. Tal conhecimento revela uma facilidade em trabalhar com a linguagem, produzindo textos muito bem elaborados, como o trecho abaixo pode exemplificar:

“Lentamente a noite desdobra seu escuro manto sobre a terra. A melancolia que o anoitecer traz consigo envolve a mim também, trazendo à minha mente mil loucas idéias. Não posso conter-me, preciso dar livre curso aos meus pensamentos, os quais, uma vez escritos enviarei a ti.

Vivi o dia todo na ilusão de ainda estar envolta por teus braços. Atirei-me toda ao sônhô de estar ainda ao teu lado como nessa madrugada [...]” (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

Gerda era evangélica, filha de um pastor de Ijuí e acreditamos que tenha sido por esse motivo que o romance chegou ao fim, já que o pai de Armando não aceitava o fato de seu filho namorar uma jovem que não fosse católica. Entretanto, antes do rompimento dessa relação, observamos, na leitura das cartas, que os dois se desentendiam, porque, ao final do namoro com Gerda, Armando já possuía algum tipo de relação com Neusa, outra remetente de suas cartas. Neusa e Gerda se conheciam porque moravam em duas comunidades rurais próximas e, provavelmente, foi por esse motivo que as discussões se iniciaram, visto que Gerda revela que sabia do risco que correria caso Armando fosse à casa de Neusa:

**Luciane Watthier  
Terezinha da Conceição Costa-Hübes**



“[...] A Neusa convidou-te para ires lá e tu talvez queiras far-lhe algumas explicações. Porém, peço-te Armando, que não vás à casa dela. Tenho tanto medo de que eles te farão cair num ardil bem armado. Cuida-te desta gente! Amo-te demais e por isso não quero – não posso – perder-te por uma traição [...]” (Cp. escrita por Gerda em 30 de outubro de 1953).

Com essa carta, inferimos que Gerda era muito apaixonada por Armando, mas ele, embora também gostasse dela, não lhe era totalmente fiel, pois mantinha contato com Neusa, também apaixonada por ele. Sendo assim, Gerda revela o medo de perdê-lo e lhe implora para que não vá visitar Neusa. Prova da infidelidade de Armando pode ser obtida a partir da leitura do seguinte trecho de uma outra carta:

“[...] Porém, o mais triste foi quando em certa hora surgiu a desconfiança. Nem imaginas que tormentos assaltaram meu coração! [...]. Estarás mesmo caçoando de mim? – Sei perfeitamente porque é que duvido das tuas palavras: tu mataste minha confiança no dia em que, - apesar de eu tanto te pedir que não o fizesse -, foste a casa da Neusa. Perdoa-me se volto a tocar no assunto, mas é preciso eu te diga tudo. E, se um dia eu souber que novamente procuraste a casa dela, ou dansaste um baile com ela, então me perdeste para sempre, pois saberei então que, tiveram fundamento as minhas duvidas [...]” (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

No trecho transcrito, Gerda declara seu amor ao mesmo tempo em que demonstra estar muito magoada com seu amado, devido a suas atitudes infieis, pois, apesar de pedir-lhe que não fosse, ele teria ido visitar Neusa. As palavras da remetente, desse modo, são reveladoras de sua decepção, de seu sofrimento, buscando, entretanto, um consolo, como podemos observar no recorte que se segue:

“[...] Chegou a minha vez de te pedir que não me faças sofrer injustamente. Não iludas meu coração por um simples passa-tempo ou para satisfazer a vontade de alguém que me odeia. Sê bonzinho, escreve-me uma palavra de consôlo; já que não queres mais voltar a visitar-me. Escreve-me muito para eu tenha uma pequena recompensa para a felicidade que me causaria tua presença [...]” (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

Por meio das palavras, Gerda demonstra o quanto a presença de Armando lhe deixaria feliz e, se isso não fosse possível, uma carta lhe traria parte dessa alegria. A correspondência, da qual estamos falando (do dia 09 de novembro de 1953), foi escrita quando os dois ainda



namoravam, uma vez que a remetente diz ter pensado durante todo o dia sobre a noite que passaram juntos:

“[...] Vivi o dia todo na ilusão de ainda estar envôlta por teus fortes braços. Atirei-me tôda ao sonho de ainda estar ao teu lado como nesta madrugada [...]” (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

Dessa forma, sentindo uma solidão enorme, Gerda lembra de uma canção já ouvida por ela, a qual, sendo dedicada a Armando, é transcrita na carta e reescrita aqui:

“[...]  
Quando tu não estás, morre minha esperança;  
Se tu te vais, vai minha ilusão,  
Hoje, meu lamento, que confio ao vento,  
É todo de dor! – Quando tu não estás!...

Mas... nasce a aurora resplandecente  
Clara é a manhã, belo o rosal  
Brilha a estrêla, canta a fonte,  
Ri a vida, quando aqui tu estás!...  
[...]” (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

Fica evidente, então, a tristeza sentida por essa mulher, devido ao fato de estar distante de seu grande amor. Todavia, inferimos que Armando não carregava grande sentimento de amor por ela, porque, se assim o fosse, não teria agido de forma contrária ao pedido de que não fosse visitar Neusa. É por isso que, muito magoada, Gerda define-o da seguinte forma:

“[...] Vi em ti apenas um vil conquistador, alguém que tão somente tenta iludir o coração feminino, e ri-se quando o vê atirado, apaixonado aos seus pés [...]” (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

Todo esse sofrimento foi fundando na visita de Armando à Neusa, revelando, assim, que as duas se odiavam, talvez pelo fato de gostarem do mesmo homem. Provavelmente foi por esse motivo que Gerda escreveu uma carta, culpando Armando por ter feito algo que foi contado a ela por pessoas conhecedoras da relação entre os dois. Não há como sabermos exatamente o que estava escrito nessa carta, já que, arrependida por ter acreditado em palavras de desconhecidos, Gerda a queimou depois de muito pedir a Armando que lhe devolvesse a mesma:

“Felizmente a carta que uma vez te mandei e que talvez me compromettesse, embora não devia atingir a Neusa, mas sim a ti, não existe mais. Não faz mal que consentiste que pessoas estranhas a lessem. As chamas a tragaram. E as

**Luciane Wathier**  
**Terezinha da Conceição Costa-Hübes**



cinzas que espalhei ao vento não provarão que um dia ela existiu [...]” (Cp. escrita por Gerda em 27 de novembro de 1953).

Nesse trecho, observamos a tranquilidade sentida por Gerda por saber que ninguém mais poderia ler as palavras que tanto medo lhe causavam. Entretanto, por outro lado, percebemos sua mágoa pelo final do romance entre os dois, o qual, nessa data, já estava consolidado:

“Sentes-te muito magoado que, apesar de todas as tuas experiências, não te dei motivos seguros para terminarmos nossas relações. Não, meu amigo, desta vez não passarei de culpada do fim do nosso romance, embora como tal me queiras deixar” (Cp. escrita por Gerda em 27 de novembro de 1953).

Essa foi a última carta a que tivemos acesso. Não sabemos se outras ainda foram escritas por essa mesma pessoa, mas o trecho acima nos permite afirmar que Armando havia deixado de namorar Gerda e já estava com Neusa. Ou seja, após Gerda escrever uma carta com a qual Armando se sentiu ofendido, eles não mais trocaram correspondências amorosas. Além disso, as formas de tratamento foram, aos poucos, tornando-se menos amorosas e mais amigáveis, passando de “Meu amor”, “Caro Armando”, “Meu benzinho adorador!” e “Meu Armando querido” (Cps. escritas por Gerda em 30 de outubro, 09, 15 e 19 de novembro de 1953, respectivamente) a, simplesmente, “Armando” (Cp. escrita por Gerda em 27 de novembro de 1953). Tudo isso eram fatos que anunciavam desentendimentos que levariam ao final desse relacionamento.

Pouco tempo depois de terminar esse namoro, Armando foi morar na cidade de Augusto Pestana, onde sua família comprou uma rodoviária. Lá, ele vendia passagens e cuidava de um bar. Isso ocorreu em 1957, ano em que, acreditamos, tenha iniciado seu vício com as bebidas alcoólicas, o que o levou a morte, ainda solteiro, no ano de 1996.

## **2 DA TEORIA SOBRE LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE PARA REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DE 1953**

Partimos de uma concepção sociointeracionista da linguagem para considerá-la como uma atividade social, um conjunto de signos capaz de representar o real e, portanto, um produto de uma necessidade histórica do homem, criado devido à necessidade de trocar experiências e de se organizar socialmente. Nesse sentido, quando falamos em contexto sócio-histórico-cultural, referimo-nos a uma linguagem criada a partir de uma cultura e de uma identidade, motivo pelo

**Luciane Watthier**  
**Terezinha da Conceição Costa-Hübes**



qual não podemos separar essas concepções. Assim, nosso objetivo nesta seção é abordar os aspectos culturais e identitários que o contexto de produção revela por meio da linguagem, identificando, então, características da pessoa que as escreveu, como: crenças, conceitos, costumes e valores, as quais são reveladas por meio da linguagem utilizada pelos remetentes.

Nesse estudo, utilizamos como base as considerações teóricas de Bakhtin (2000, 2004), linguísta que, partindo de uma abordagem sócio-enunciativa, de acordo com a qual a linguagem e o pensamento são constitutivos do homem, demonstrou que seu objeto de estudo pertencia aos mecanismos de interação verbal. Bakhtin entende, dessa forma, que a necessidade de comunicação é o que justifica a existência da língua, ou seja, é por meio da interação verbal que ela se concretiza, permitindo aos homens dizer e agir sobre o mundo, constituindo-o e sendo constituídos por ele.

Compreendemos, assim, a língua como um veículo de comunicação que se realiza por meio da interação verbal, representando a realidade circundante e, até mesmo, a forma como o falante a constitui, refletindo todas as suas mudanças e alterações sociais. Nesse sentido, a palavra é a “arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior do sistema” (BAKHTIN, 2004, p. 15). Seguidores das teorias de Bakhtin também veem na língua esse poder de representar o exterior. Marcuschi<sup>3</sup> é um deles. A partir de seus estudos, observamos, entretanto, uma preocupação em mostrar que a representação linguística não é apenas um espelhamento do mundo, mas, sim, que se trata de uma outra funcionalidade da linguagem:

a língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. Não se trata de um espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala (MARCUSCHI, 2004, p. 35).

Ao falar de uma outra funcionalidade que acontece por meio da representação da realidade, não podemos ver a linguagem como um simples espelho, mas como a responsável por constituir a realidade, uma vez que, segundo as explanações de Marcuschi e de Bakhtin, a realidade passa a existir apenas por meio da interação verbal.

---

<sup>3</sup> Marcuschi não é um pesquisador que se dedica apenas ao estudo de gêneros textuais, apesar de ser, por muitos, mais conhecido e citado nessa área. Seu propósito reside em abordar e estudar todos os fenômenos da linguagem, motivo pelo qual podemos tomá-lo como referência no decorrer de todo esse trabalho.



Tendo estas concepções como base, a linguagem não pode ser reduzida à estrutura linguística ou a um mero conjunto de signos, pois é a responsável pela interação verbal e cultural, por meio da qual trocamos ideias sobre o mundo enquanto construímos o nosso conhecimento. É o que postula Bakhtin durante seus estudos, deixando claro que a linguagem não deve ser tratada apenas como forma, mas como um fenômeno social que torna possível as relações sociais. Nas palavras do teórico,

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2004, p. 122).

Com base nessa explanação, percebemos uma grande valorização da interação verbal por parte de Bakhtin, pois é ela que dá sentido à existência da língua, sendo a sua verdadeira substância. Também Lopes (1986) enfatiza a importância da linguagem e, assim, da interação verbal, por entender que a mesma carrega as ideologias de um grupo social, produzidas pela sociedade, bem como os valores culturais e identitários de cada falante. Nesse ponto de vista, é pertinente destacar, também, Mello:

Uma língua não é apenas um sistema de sons, um conjunto de unidades significativas dispostas em uma cadeia morfossintática. É muito mais do que um instrumento de comunicação. Uma língua é um comportamento social e como tal está intrinsecamente ligada à vida, à cultura e à história de um povo. São os falares, os modos de ser, os valores, as crenças que fazem com que os povos sejam diferentes ou semelhantes, porém singulares (MELLO, 1989, p. 23).

Em outras palavras, a língua é constituída a partir do social, servindo como um reflexo das estruturas sociais. Em uma relação estreita entre língua e cultura, tem-se a primeira como a refletora da segunda e vice-versa, na medida em que tanto por meio de uma quanto de outra duas comunidades se distinguem. Nesse sentido, Baltar traça uma relação entre língua, linguagem e cultura, considerando que “os sistemas de valores e crenças de um grupo social são manifestos por meio da linguagem e têm papel fundamental em suas vidas” (BALSTAR, 2004, p. 39). A compreensão de Baltar em relação à linguagem de um grupo social é, portanto, a de que esta se



traduz naquilo que seus falantes podem fazer de seu uso, conforme a situação social em que estão inseridos.

E é a partir dessa mesma perspectiva que Marcuschi conceitua o termo cultura como um meio de diferenciação entre grupos sociais. Portanto, para esse autor, a cultura pode ser compreendida como “diferentes formas de perceber” (MARCUSCHI, 2007, p. 78). Tal conceituação nos permite uma concepção de cultura enquanto um conjunto de costumes, valores e crenças próprios de uma comunidade. Entre dois ou mais grupos sociais, podem existir algumas semelhanças culturais, entretanto, cada grupo continua sendo, sempre, singular.

Observamos, dessa forma, a relação de interdependência entre língua, cultura e identidade, pois a cultura é manifestada pela língua ao mesmo tempo em que reflete a linguagem de um grupo social. O mesmo vale para a identidade, uma vez que ela só é revelada por meio da língua, da qual faz parte, também, a identidade. Além disso, é a partir dos valores culturais de nosso grupo social que construímos nossas identidades. Conforme Bakhtin, tudo o que temos na cultura e na identidade não passa de palavras, isto é, não existe absolutamente nada na cultura, além da palavra, pois “toda cultura não é nada mais que um fenômeno da língua” (BAKHTIN, 1988, p. 45).

Podemos, assim, imaginar uma ponte entre as definições de cultura e identidade. Cavalcanti recorre a Sarup (1996) para afirmar que é a cultura que nos forma: sem cultura não haveria identidade. A teórica conclui, assim, que toda e qualquer representação “está inserida primeiramente na língua(gem) e depois na cultura” (CAVALCANTI, 2001, p. 52). Ainda sob a mesma perspectiva, McLaren compreende que a formação da identidade se dá a partir das práticas sociais, enfatizando que “identidades envolvem articulações prediscursivas (materiais) e discursivas (semióticas) e estão sempre relacionadas às práticas sociais materiais de uma formação social mais ampla” (MCLAREN, 2000, p. 46). Conforme esse autor, criamos, contextualizamos e recontextualizamos nossas identidades a partir de co-padrões específicos de relações significativas e de seus usos. É devido a isso que falamos que nossas identidades, ao expressarem nossas individualidades, expressam o meio em que vivemos, pois é a partir desse que elas são criadas.

É nesse sentido que, com base em Moita Lopes (2003), compreendemos a identidade como um processo de identificação do Eu e de diferenciação entre o Eu e o Outro, por meio do qual um indivíduo se define socialmente e se reconhece dentro de um grupo social. O processo



de construção da identidade é o que define a visão de um indivíduo em relação ao mundo que o cerca, como também a representação social de si mesmo e do outro.

Partindo, então, da compreensão de que as cartas pessoais e familiares constituem-se em gêneros discursivos que permitem a recuperação de aspectos linguísticos, culturais e identitários das pessoas que as escreveram, representando sua visão de mundo, podemos traçar alguns contrapontos entre as identidades dos remetentes e destinatários citados, construindo um processo de identificação, visto que é essa a nossa compreensão acerca da identidade. Isso inclui, portanto, como já destacado em Moita Lopes (2003), a visão de um indivíduo em relação ao mundo que o cerca, a si mesmo e, também, ao outro. É nesse sentido que, novamente, citamos Meurer, afirmando que, ao produzirmos um enunciado, “criamos representações que refletem, constroem e/ou desafiam nossos conhecimentos e crenças, e cooperam para o estabelecimento de relações sociais e identitárias” (MEURER, 2002, p. 28).

Da mesma forma, podemos ter a compreensão da cultura da época em que as cartas foram escritas, percebendo que a identidade de um indivíduo possui alicerces que lhe dão base, isto é, não foram criadas a partir da imaginação de cada uma dessas pessoas. Esse alicerce de que estamos falando é a cultura do grupo social de que faziam parte e, assim, podemos, ainda, recuperar algumas características culturais da época em que as cartas foram escritas: o ano de 1953. Entretanto, frisamos que não será possível descrever completamente a cultura desses grupos, uma vez que essa diz respeito a uma infinidade de fatores e a única forma de recuperá-la, no caso desse trabalho, foi por meio das cartas.

Pelo número de cartas escritas por Gerda a Armando, podemos inferir que a interação verbal por meio desse gênero sempre fez parte da cultura brasileira, porém, com o passar do tempo, seu uso foi sendo reduzido devido à evolução dos gêneros discursivos, conforme postulado por Marcuschi (2003) e Bazermann (2006), o que fez com que ela fosse sendo substituída por conversas ao telefone, fax, e-mail, *msn*, entre outros. Isso pode ser comprovado pelo fato de que, enquanto conseguimos seis correspondências de Gerda escritas na década de 1950, hoje pouco se utiliza o gênero carta para a interação verbal entre pessoas que se encontram distantes uma da outra.

Dessa forma, em relação à cultura de 1953, observamos o difícil acesso ao telefone, principalmente para as pessoas habitantes da Zona Rural, visto que naquela época essa tecnologia



já havia sido criada, mas, mesmo assim, muitas pessoas que moravam distantes entre si ainda se comunicavam por meio de cartas.

Quando se tratava da interação verbal entre namorados que moravam próximos um ao outro, essa também se dava, em grande parte, por meio de cartas, visto que eles tinham pouca ou nenhuma privacidade para se encontrarem sozinhos, o que diferencia muito aquela época de hoje, quando essas conversas se dão, se não pessoalmente, por telefones, e-mails, *scraps*, entre outros. As cartas de Gerda nos revelam essa característica cultural porque sabemos que os dois moravam em comunidades próximas uma a outra e, mesmo assim, era por meio de cartas que falavam sobre assuntos particulares.

Entretanto, muitas vezes, para que essas cartas chegassem ao seu destino, não era necessário o serviço dos correios, pois, de uma forma mais rápida, outras pessoas ou o próprio remetente as entregavam aos destinatários. É o que Gerda revela ao escrever que José (um amigo de Armando) lhe entregou a carta e que, uma outra lhe foi entregue por Armando, como pode ser observado em um recorte de sua carta:

“[...] Francamente Armando, eu ontem achei que tu não querias mais falar comigo, após me entregares a correspondência. Isto também verás da carta que ontem escrevi. Perguntei-te: É só isso que tens? E tu respondeste ‘Sim’ e viraste para falar com o Jaime. Que mais podia eu compreender do que não pretendias falar comigo? Desculpe-me, mas desta vez sou inocente. Porque não me disseste uma só palavra que me fizesse compreender de que tu querias ainda falar comigo? [...]” (Cp. escrita por Gerda em 20 de novembro de 1953).

É nesse sentido que concordamos com a teoria de Marcuschi (2004) quando esse teórico afirma que, por meio da interação verbal, a língua reflete e, ao mesmo tempo, constitui a realidade cultural. Segundo ele,

a língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. Não se trata de um espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala (MARCUSCHI, 2004, p. 35).

É apenas por meio de práticas sociais realizadas pela linguagem que a realidade passa a existir, ou seja, através da leitura das cartas, temos a compreensão de uma visão da cultura da época em que as mesmas foram escritas. Ao fazer isso, tentamos traçar uma comparação entre aquela e a nossa cultura, definindo aqueles grupos culturais e, assim, diferenciando-os do nosso,

**Luciane Watthier**  
**Terezinha da Conceição Costa-Hübes**



uma vez que, como já explanado, é a cultura que define um grupo social, demarcando “seu próprio estilo cultural pela apropriação de itens dos acervos comuns, juntando-os em um sistema com um novo sentido” (BURKE, 2000, p. 259).

Fazendo parte desse grupo social mais retraído, ou seja, que não permitia que namorados tivessem muita privacidade como forma de manter a honra da mulher, Gerda, em relação aos aspectos identitários, se revela uma pessoa desconfiada, fechada ao diálogo, pois preferia confiar seus segredos a um papel. Costumava, dessa forma, não se importar com julgamentos alheios sobre si, preferindo desprezá-los a cair em discussões e sua resposta às injúrias era, portanto, apenas um sorriso irônico, como podemos observar em seus comentários sobre isso:

“[...] despreza! Que o desprezo nessa vida vale mais que outras armas poderosas! Contra insídias sê sempre prevenida, desconfiando do valor das próprias rosas! E quando acaso alguém em meio das plumas, tente ferir-te a um mal formado juízo, com um punhal te defende, envôlto em plumas: - ‘A ironia sutil do teu sorriso’ [...]” (Cp. escrita por Gerda em 15 de novembro de 1953).

As marcas linguísticas impressas nessa carta nos revelam que Gerda era uma pessoa muito bem instruída, romântica, apaixonada, capaz de lidar com a linguagem de forma encantadora, de mostrar o mais verdadeiro de seus sentimentos por meio da escrita de uma carta. Por outro lado, Gerda tinha uma visão um pouco amarga da vida e do mundo, demonstrando que o compreendia enquanto sofrimento e amargura e, talvez por isso, duvidava da longevidade da sua vida. Tal identidade se revela nos relatos de seus pensamentos logo após sua chegada do cemitério, quando foi ao enterro de uma conhecida sua:

“[...] A morta viveu 75 anos sôbre êste mundo tão cheio de amarguras, tão inundado de lágrimas! 75 anos... parece um tempo muito longo para quem está na entrada dos 20. Será que algum de nós alcançará esta idade...? E mesmo que a alcançássemos, um dia chegará o término de nossa viagem terrestre [...]” (Cp. escrita por Gerda em 15 de novembro de 1953).

Se já sabíamos que Gerda era professora do ensino primário e tocadora de gaita, agora temos a comprovação de que ela parecia gostar muito de ouvir canções românticas, pois, somente em uma carta, são duas canções que ela dedica a Armando. Além disso, era uma pessoa muito dedicada aos estudos, pois sabia que essa era uma das maiores riquezas da vida:

“[...] não desistas de instruir-te, quando tiveres alguma folguinha. A instrução vale mais que as riquezas que possamos alcançar. Nada mais belo do que um

**Luciane Watthier**  
**Terezinha da Conceição Costa-Hübes**



espírito enobrecido pela instrução. Quanto mais estudarmos, tanto maiores novidades encontramos e tanto melhor compreendemos a razão de muitas cousas. Faze como eu, estuda sempre que o tempo permitir [...]” (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

E é justamente essa dedicação que ela pretendia passar a Armando, para que ele, também, valorizasse o conhecimento. Assim, compreendemos, ainda, que Gerda era uma pessoa que guardava por ele um grande amor, já que sempre procurava dar-lhe conselhos para que seu amado pudesse ter uma boa vida, pois, por meio das palavras escritas, Armando parece uma pessoa mais dedicada ao serviço braçal e não tão ligado aos estudos. Outro exemplo disso pode ser obtido no seguinte recorte da carta:

“[...] passaste bem o dia de hoje cortando trigo? Desejo-o! procura sempre alimentar-te bem para que não percas as forças para enfrentar o duro trabalho cotidiano [...]” (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

Gerda demonstra, assim, ser uma pessoa preocupada com o bem-estar do outro e, nesse caso, de Armando. E, ao falar sobre a atividade de cortar trigo, percebemos que, diferenciando-se muito de nossa cultura atual, na época era costume que o trabalho na lavoura fosse, predominantemente, manual e, assim, um serviço árduo e cansativo, pois enquanto, hoje, existem máquinas agrícolas para colher o trigo e executar muitos outros serviços do tipo, antes esses eram feitos de forma manual.

Outra característica de Gerda era a sua dependência pelo recebimento das cartas de Armando, o que demonstra que ela era muito carente, visto que, por várias, vezes, ela lhe implora uma carta sua:

“[...] Que programa tens para domingo? Faze o possível de aproveitar aquele dia para escrever-me um jornal bem grande contando tudo o que podes dizer-me. Se, de fato, nos outros dias tens pouco tempo, aproveita então o domingo, em que por certo não terás obrigações [...]”(Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

Nesse recorte, observamos o quanto Gerda gostaria de receber uma carta de seu namorado que, no entanto, não lhe escrevia, afirmando não ter tempo para isso. Dessa forma, inferimos que Armando não era tão apaixonado e tão romântico quanto ela, pois, se assim o fosse, sua namorada não precisaria implorar que ele lhe escrevesse.

Entretanto, o que mais nos impressiona em Gerda é essa capacidade de lidar com a linguagem, produzindo textos rebuscados e reveladores de sua identidade. Sabemos que ela era

**Luciane Wathier**  
**Terezinha da Conceição Costa-Hübes**



professora, apaixonada pela música e pela poesia e essa paixão é levada às cartas ao revelar o mais verdadeiro dos seus sentimentos com uma linguagem poética capaz de, realmente, traduzir toda essa dor e, ao mesmo tempo, a paixão por Armando.

E é a beleza dessa linguagem, tão reveladora, que tanto nos prende às cartas e nos faz sentir um pouco da dor que essa mulher, tão apaixonada, sentia por perceber que era desprezada. Uma das marcas de sua linguagem formal é a forma como essa mulher se dirigia a Armando, sempre pela segunda pessoa do singular (tu), demarcando, exatamente, uma relação de respeito e, ao mesmo tempo, íntima, a qual era uma de suas características pragmáticas, ou seja, o reflexo das ideologias de sua cultura em seus comportamentos.

Para Lopes (1986), a linguagem carrega valores culturais e identitários de cada falante, deixando de ser, segundo Mello (1989), apenas um sistema de sons para transformar-se em um comportamento social, estando ligada à vida, à cultura e à história de um povo. Mello (1989) ainda postula que esses são os fatores que tornam um povo singular perante outros, possuidor de valores, modos e crenças próprias. Dotada dessa capacidade, Gerda era singular dentro de seu grupo social devido a essa identidade que caracterizava seu modo de interação social.

Só com base na leitura dessa carta e na descrição do sofrimento de Gerda, bem como do amor exagerado que ela nutria por seu namorado, é possível apontar alguns aspectos da identidade de Armando. Além de uma pessoa desprovida de maiores sentimentos (não se prendia a nenhuma mulher), parecia ser machista e controlador da situação, sem deixar-se dominar por nenhuma delas. Esse aspecto identitário transparece numa das cartas de Gerda:

“[...] Estive mesmo bastante abatida de que tu, apesar de pedires para falar contigo me trataste com frieza naqueles momentos. E sabendo que tu não gostas de falar comigo quando o ‘Gordo’ está aqui, eu me retirei. Sempre esperei que ainda uma vez saíesses da loja, afim de que pelo menos uma palavra eu pudesse dizer-te. Mas nada [...]” (Cp. escrita por Gerda em 20 de novembro de 1953).

Armando parecia ter de expor suas relações sentimentais. Além de conquistador, costumava iludir Gerda com cartinhas escritas, talvez, com menos frequência do que as recebia. Só o fato de mostrar-se um “homem difícil de ser conquistado”, provocava a paixão em muitas mulheres. Além disso, era ainda festeiro, pois mesmo namorando, não deixava de sair e ir a bailes, onde dançava com outras mulheres, mesmo quando sua namorada estava em casa sem saber dessa decisão, como aconteceu com Gerda. Por tudo isso e pelo fato de trocar correspondências



com Gerda e Neusa ao mesmo tempo, outro aspecto identitário de Armando era ser desleal com suas namoradas.

Talvez fizesse isso pelo fato de ser uma pessoa segura, confiante em seus dotes físicos, revelados na elegância com que se vestia e na altivez de sua postura, como pode ser observado no anexo 2, achando que tais aspectos bastariam para torná-lo feliz. Chegamos, portanto, a duas conclusões a respeito da identidade de Armando: ele não gostava das quatro mulheres com as quais se correspondia, a ponto de manter um relacionamento sério ou, então, gostava, mas, simplesmente, não tinha a pretensão de um casamento, talvez por não acreditar nesse tipo de evento social. Além disso, não se importava em fazer alguém sofrer, o que demonstra certa frieza de comportamentos, e não era sincero com suas namoradas, pois mentia ao dizer que não havia recebido cartas que não pretendia responder.

Se é que um dia buscou a tão sonhada felicidade, ele o fez de forma errada, pois enquanto sabemos que Gerda está, hoje, casada, Armando já é falecido há treze anos, o que aconteceu depois de cair no vício exagerado da bebida e do cigarro e adquirir um câncer que lhe causou muita dor e sofrimento. Talvez ele tenha se arrependido de ter desprezado essa jovem amante, assim como fez também com, pelo menos, mais três mulheres, visto que as cartinhas, junto com algumas fotos, foram encontradas, após a sua morte, ainda muito bem conservadas, apesar de o tempo ter amarelado os papéis. Porém, provavelmente, muitos fatores impediram que ele pudesse voltar atrás e ser, novamente, feliz.

É nessa perspectiva que destacamos Grosjean (1982), pois, segundo esse autor, a língua e a identidade estão intrinsecamente ligadas e, além disso, são parte da cultura de um grupo social. Da mesma forma, citamos Hall (2006), já que ele define cultura assemelhando-a com um discurso. Em suas palavras,

as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentido que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2006, p. 51).

Podendo inferir essas características acerca da identidade das pessoas envolvidas nas enunciações das cartas, bem como da cultura da época em que as mesmas foram escritas,

**Luciane Watthier**  
**Terezinha da Conceição Costa-Hübes**



tentamos garantir, na prática, o que foi teorizado no início dessa seção. Compreendemos, assim, que a linguagem é, realmente, social, sendo escrita a partir de um contexto comunicativo revelador da cultura e da identidade própria da pessoa que a produzia, carregando, ao mesmo tempo, aspectos capazes de recuperar essas características, o que pode ser feito, inclusive, muito tempo depois de ela ter sido produzida, pois é o que fizemos com as cartas de nosso *corpus*. Para Koch, “os fenômenos sociais são fenômenos lingüísticos de alguma forma, assim como os fenômenos lingüísticos são, em parte, sociais” (KOCH, 1996, p. 59). Nesse sentido, concordamos com essa teórica quando ela afirma que a linguagem faz parte da sociedade.

Na próxima seção, voltamos a análise do *corpus* para uma discussão sobre o gênero discursivo carta, abordando sua estrutura e composição.

### **3 GÊNERO CARTA: ELEMENTOS ESTRUTURAIS E/OU COMPOSICIONAIS**

Partindo, agora, para uma análise mais voltada ao estudo da carta enquanto um gênero discursivo, nosso objetivo é o de estudar a estrutura desse modelo de enunciado que estamos estudando.

Fazendo uma breve discussão em relação à carta, compreendemos que essa é composta por enunciados que constituem uma enunciação, por meio da qual ocorre a interação verbal. Sendo a existência de um destinatário, conforme Bakhtin (2000), o elemento principal para a produção de um enunciado, citamos Baumgärtner e Cruz para apresentar os elementos contextuais que devem ser considerados numa relação interlocutiva:

- ele [o produtor do enunciado] é alguém na sociedade;
- ele escreve para alguém;
- ele tem um objetivo;
- ele se constitui como sujeito de seu discurso e lança mão de estratégias para realizar o processo de interlocução;
- ele escolhe o gênero mais apropriado para atingir seus objetivos;
- ele escolhe o meio de divulgação (BAUMGÄRTNER & CRUZ, 2009, p. 169-170).

Tais princípios podem ser observados em nosso *corpus* de pesquisa, pois o remetente, um ser social, produz um enunciado para interagir com alguém, podendo, assim, cumprir seus objetivos comunicativos, os quais são os responsáveis pela escolha do gênero que, no caso desse



estudo, será a carta pessoal. A existência de um destinatário, ao tratar-se desse modelo de enunciado, pode ser facilmente perceptível por meio do uso de vocativos, de pronomes que o retomam e de verbos conjugados no modo imperativo:

[...] Porque *Armando*, *diga-me* porque preciso duvidar tanto de *tua* sinceridade? Estarás mesmo caçando de mim? [...] Chegou a minha vez de *te* pedir que *não me faças* sofrer injustamente. *Não iludas* meu coração por um simples passa-tempo. *Sê* bonzinho, *escreve-me* uma palavra de consôlo [...] (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).

Apresentando esse elemento, podemos definir a carta como um meio de interação verbal. Dessa forma, a escrita e o recebimento de cartas pessoais e familiares, apesar de não constituir um diálogo no qual tanto o enunciadador quanto o destinatário estejam presentes, cara a cara, há a concretização de um ato comunicativo indireto, portanto, uma reprodução de conversas espontâneas e pessoais. É por isso que Marcuschi trata esse gênero discursivo como um “ato de fala impressa” (MARCUSCHI, 2004, p. 103). Podemos retomar, mais uma vez, Bakhtin (2004) para reforçar essa afirmação, posto que, para esse autor, uma relação dialógica não diz respeito apenas a duas pessoas interagindo face-a-face, mas a qualquer tipo de comunicação verbal, seja oral, seja escrita.

Na carta que estamos analisando, como já destacado, temos Gerda como remetente e Armando como destinatário. Seus objetivos comunicativos ao produzir suas correspondências é o de revelar a paixão que sente por esse homem e, também, a dor de um amor desrespeitado, tentando convencer a pessoa amada de que ela realmente o ama e quer estar com ele, resolvendo, então, os problemas e desentendimentos existentes na relação. É sobre Armando, portanto, que Gerda pretende agir, convencendo-o da dor e da saudade que sente, pois, dessa forma, ela espera que ele lhe escreva, mande fotografias, vá visitá-la ou, simplesmente, respeite o namoro entre os dois. Eis um recorte que demonstra isso:

“[...] Não iludas meu coração por um simples passa-tempo ou para satisfazer a vontade de alguém que me odeia. *Sê* bonzinho, *escreve-me* uma palavra de consôlo; já que não queres mais voltar a visitar-me. *Escreve-me* para que eu tenha uma pequena recompensa para a felicidade que me causaria tua presença. Embora meu coração não queira compreender as razões que tu alegaste para a tua ausência, não quero insistir em que aqui venhas [...]” (Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).



Temos assim outro princípio para a produção de enunciados: o produtor “tem um objetivo” (BAUMGÄRTNER & CRUZ, 2009, p. 169-170). Podemos citar, também, Marcuschi, para quem “não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas [...] todo uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais de carne e osso, que mantêm algum tipo de relação entre si e visam a algum objetivo comum” (MARCUSCHI, 2008, p. 23). O quadro abaixo apresenta esses elementos na carta de Gerda:

|                         |  |
|-------------------------|--|
| <b>Data da carta</b>    | 09 de novembro de 1953   |
| <b>Remetente</b>        | Gerda  |
| <b>Destinatário</b>     | Armando  |
| <b>Objetivos</b>        | Falar de seu amor; descrever seu sofrimento; pedir que Armando lhe escreva algumas cartas. |
| <b>Estratégias</b>      | Demonstração de seu amor por meio de uma linguagem poética.                                |
| <b>Gênero escolhido</b> | Carta pessoal  |

Quadro 1 – apresentação dos elementos contextuais de um enunciado no *corpus*.

Considerando os elementos contextuais, compreendemos que as cartas pessoais são constituídas por enunciados, uma vez que Baumgärtner & Cruz (2009) os destacaram como essenciais para a produção de um enunciado. Assim, existe alguém que, com um objetivo em mente, produz o discurso para um outro alguém, sobre quem o produtor pretende agir e, para isso, lança mão de algumas estratégias comunicativas que o ajudarão nessa tarefa. Da veiculação de um enunciado e de uma resposta ao mesmo, teremos uma enunciação, pois, retomando uma citação de Bakhtin, essa “é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN, 2004, p. 112), ou seja, é a concretização de um diálogo. Nosso objeto de análise dá pistas de que, realmente, ocorre uma enunciação e não apenas um enunciado individual e isolado. O recorte abaixo exemplifica isso:

“[...] Guarda sempre alguns minutos para mim, quando me contarás as novidades que tiveres encontrado e tudo o que te comove. Não cansarei em ler as linhas que tua mão querida para mim traçar [...]”(Cp. escrita por Gerda em 09 de novembro de 1953).



Como observamos, esses já são respostas a outros enunciados, o que constitui o processo de enunciação. Além disso, espera-se que haja outra resposta a essas cartas, demonstrando que a interação já havia sido iniciada e que, também, não é finalizada com as mesmas. É nesse sentido que podemos destacar, novamente, Bakhtin, pois esse autor compreende um enunciado como um elo da comunicação verbal, não o primeiro nem o último e, dessa forma, um enunciado não pode nunca ser separado dos “elos anteriores que o determinam, por dentro e por fora, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica” (BAKHTIN, 2000, p. 320).

Assim como qualquer gênero discursivo, a carta pessoal também possui uma estrutura composicional que lhe é própria, apesar de a mesma não ser tão rígida quanto é em alguns gêneros. Enquanto elementos básicos de apresentação visual de uma carta, Barbosa (1979) aponta os seguintes: endereço do remetente e do destinatário (envelope), o local e a data em que a mesma foi escrita (cabeçalho), o vocativo ou chamamento (saudação), o texto (desenvolvimento do(s) assunto(s)), a despedida e a assinatura. São elementos que poderemos (ou não) encontrar em todas as cartas pessoais, pois tais informações são apresentadas (ou não) em função do interlocutor, como podemos observar no quadro 2:

|                   |                                   |
|-------------------|-----------------------------------|
| <b>Carta</b>      | De Gerda a Armando                |
| <b>Endereços</b>  | Não consta (não temos o envelope) |
| <b>Local</b>      | Não consta                        |
| <b>Data</b>       | 09-11-1953                        |
| <b>Vocativo</b>   | Caro Querido!                     |
| <b>Despedida</b>  | Abraça-te mui carinhosamente      |
| <b>Assinatura</b> | Gerda                             |

Quadro 2 – elementos composicionais do gênero carta

No caso de cartas pessoais os endereços de remetente e destinatário são, normalmente, colocados no envelope das correspondências. Dessa forma, não os citamos aqui, porque não tivemos acesso aos mesmos. Observamos que há uma variação na forma desses elementos, pois alguns nem são colocados, o que se justifica por não ser um gênero totalmente formal, no qual tudo deve seguir um padrão pré-estipulado. É nessa perspectiva que temos, nas palavras de Bakhtin, os gêneros discursivos como “tipos relativamente estáveis de enunciado” (BAKHTIN, 2000, p. 279), quer dizer, com características próprias, porém, não tão estáveis a ponto de o produtor não poder moldá-las conforme sua esfera de comunicação. Por isso, no caso da carta,



Barbosa afirma que “podem fazer-se fórmulas para a correspondência social e comercial, mas não para aquela que não passa de amistosa conversa à distância” (BARBOSA, 1979, p. 34).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos as leituras, tínhamos a intenção de compreendermos porque a linguagem se apresentava como um mecanismo revelador dos valores sociais (para citar Bakhtin, 2004) e da organização da sociedade (citando Marcuschi, 2004). Pudemos compreender, assim, a relação de interdependência existente entre as mesmas, visto que a linguagem, além de fazer parte da cultura e da identidade, também dá vida à tais elementos no momento em que as representa. Além disso, é por meio da linguagem que a cultura é formada, constituindo, por sua vez, as identidades. Em outras palavras, percebemos que linguagem, cultura e identidade não podem ser consideradas isoladas uma da outra, sendo formadas a partir do social.

Se Bakhtin (2000) já nos dizia que a interação verbal é um fenômeno social, podemos inferir que a linguagem é, realmente, social, pois é a constituinte da realidade, permitindo, dessa forma, a compreensão da cultura da época em que foi produzida, bem como da identidade das pessoas envolvidas nessa enunciação. A linguagem é, portanto, um veículo de enunciação que conduz à interação verbal, influenciada culturalmente e produtora de identidades.

Em outras palavras, a linguagem, sendo social, deixa explícitas as peculiaridades próprias de um período da história e de uma cultura em particular, assim como das identidades formadas a partir dessa, como, no caso desse estudo, da escrita de cartas pessoais. Quando temos mais de uma carta assinada pelo mesmo remetente, esses aspectos se revelam, cada vez mais, detalhados, mostrando, ainda, em alguns casos, características da cultura e da identidade do seu destinatário, pois foi dessa forma que conseguimos compreender um pouco mais da vida pessoal de Armando e Gerda.

Como observamos, essa linguagem tão representativa e reveladora ganha forma dentro de enunciados, os quais se organizam em gêneros discursivos que, por sua vez, são considerados como a materialização de nosso discurso, quer dizer, de nossas interações verbais. Acreditamos que a realização desse estudo está sendo de grande importância, já que, detendo-se em épocas passadas, estamos conseguindo recuperar seus aspectos culturais e, também, identitários de pessoas já falecidas, como no caso de Armando.

**Luciane Watthier**  
**Terezinha da Conceição Costa-Hübes**



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal** (Trad. Maria E. Galvão e revisão de Marina Appenzeller). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** (Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira). 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance** (Trad. Aurora F. Bernadini et.al.). São Paulo: Hucitec, 1988.
- BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula.** Caxias do Sul: Educs, 2004.
- BARBOSA, Osmar. **Como escrever qualquer carta.** Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.
- BAUMGARTNER, Carmen; CRUZ, Clara Angélica Agustina Suárez. Gêneros do discurso: apontamentos. In: CATTELAN, João Carlos; LOTTERMANN, Clarice (Orgs.). **A redação no vestibular da Unioeste: alguns apontamentos à luz da Lingüística Textual.** Cascavel: Edunioeste, 2009, p. 162-188.
- BAZERMAN, Charles. Cartas e a base social dos gêneros diferenciados. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação.** Traduzido por Judith C. Hoffnagel. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 83– 99.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave.** 4.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 61-78.
- BURKE, Peter. **Variedades de história cultural** (Trad. de Alda Porto). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CAVALCANTI, Marilda C. Considerações sobre alguns cenários sociolinguisticamente complexos no contexto brasileiro: o andamento do projeto “vozes na escola”. In: **Línguas & Letras.** Cascavel, Edunioeste, 2001, v.2, n.2, p. 43-66.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** (Trad. Tomas Tadeu da Silva). 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2006.



KOCH, Ingedoro G. Villaça. Estratégias pragmáticas de processamento textual. In: RAJAGOPALAN, Kanavill (Org.). **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, jan/jun. 1996, n. 30, p. 35-42.

LOPES, Edward. **Fundamentos da Lingüística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico** (Trad. Bebel Orofino Schaefer). 3. ed São Paulo: Cortez, 2000.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. **O falar bilíngüe**. Goiânia: Ed. Da UFG, 1999.

MEURER, José Luiz. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: \_\_\_\_\_; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. São Paulo: Edusc, 2002, p. 17-29.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: \_\_\_\_\_. **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Mercado Letras, 2003, p. 13-38.

## ANEXOS

### PS. DOCUMENTOS ENVIADOS EM ARQUIVOS SEPARADOS

Anexo 1: carta escrita por Gerda a Armando (objeto de análise)

Anexo 2 – Fotografia de Armando